

Abre a roda! As crianças e as danças de matriz africana na escola: por uma educação antirracista

RESUMO:

Este texto visa analisar o processo de ensino e a aprendizagem de crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em torno das danças de matriz africana no contexto da Educação Física Escolar na perspectiva da educação antirracista. Baseia-se na Pedagogia Histórico-Crítica, na Abordagem Crítico-Superadora e nos Fundamentos Ontológicos Africanos. A metodologia foi de natureza qualitativa e do tipo pesquisa-ação, no qual se articulou a investigação com o desenvolvimento de uma unidade didática. Participaram crianças do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Distrito Federal e foram utilizados instrumentos de pesquisa: observação participante, desenho, jogos, roda de conversa e caderno de registros. Os principais resultados e análises indicam um rico processo de apropriação da gestualidade e dos elementos históricos e culturais das danças de matriz africana pelas crianças, bem como a potência dessas manifestações da cultura corporal para a materialização das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008.

Palavras chaves: Educação antirracista; Educação física escolar; Dança de matriz africana; Infâncias

Évelin Dias Reis dos Santos

Mestrado em Educação Física
Universidade de Brasília
Programa de Mestrado Profissional em Rede
Nacional
Membro do Sínteses - Grupo de Estudos e
Pesquisas em Educação Física Escolar da
FEF/UnB
Brasília, DF, Brasil
evelindias@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0003-5310-2844>

Jaciara Oliveira Leite

Doutorado em Educação
Universidade de Brasília
Programa de Pós-Graduação em Educação
Membro do Sínteses - Grupo de Estudos e
Pesquisas em Educação Física Escolar da
FEF/UnB
Brasília, DF, Brasil
jaciara.leite@unb.br
<https://orcid.org/0000-0001-9471-3105>

Jessica Serafim Frasson

Doutorado Ciências do Movimento Humano
Universidade do Rio Grande do Sul
Docente da Escola de Educação Física da
Universidade de Brasília
Membro do Sínteses - Grupo de Estudos e
Pesquisas em Educação Física Escolar da
FEF/UnB
Brasília, DF, Brasil
jessica.frasson@unb.br
<https://orcid.org/0000-0002-6142-1971>

Open the Circle! Children and african diaspora dances in school: toward an anti-racist education

Abstract: This text aims to analyze the teaching and learning process of children in the early years of elementary school regarding dances of African origin within the context of School Physical Education from an anti-racist education perspective. It is based on Historical-Critical Pedagogy, the Critical-Emancipatory Approach, and African Ontological Foundations. The methodology was qualitative and of the action-research type, in which investigation was articulated with the development of a didactic unit. Fifth-grade students from a public school in the Federal District participated, and research instruments used included participant observation, drawing, games, conversation circles, and field journals. The main results and analyses indicate a rich process of appropriation of gestures and historical and cultural elements of African-rooted dances by the children, as well as the potential of these expressions of body culture for the implementation of Laws No. 10,639/2003 and no. 11,645/2008.

Keywords: Anti-racist education; School physical education; African-derived dance; Childhoods

¡Abre la rueda! Los niños y las danzas de matriz africana en la escuela: por una educación antirracista

Resumen: Este texto tiene como objetivo analizar el proceso de enseñanza y aprendizaje de niños de los Años Iniciales de la Educación Primaria en torno a las danzas de matriz africana en el contexto de la Educación Física Escolar desde la perspectiva de la educación antirracista. Se basa en la Pedagogía Histórico-Crítica, en el Enfoque Crítico-Superador y en los Fundamentos Ontológicos Africanos. La metodología fue de naturaleza cualitativa y del tipo investigación-acción, en la cual se articuló la investigación con el desarrollo de una unidad didáctica. Participaron niños de 5º año de Educación Primaria de una escuela pública del Distrito Federal y se utilizaron instrumentos de investigación: observación participante, dibujo, juegos, rueda de conversación y cuaderno de registros. Los principales resultados y análisis indican un rico proceso de apropiación de la gestualidad y de los elementos históricos y culturales de las danzas de matriz africana por parte de los niños, así como la potencia de estas manifestaciones de la cultura corporal para la materialización de las Leyes nº 10.639/2003 y nº 11.645/2008.

Palabras clave: Educación antirracista; Educación física escolar; Danza de matriz africana; Infancias

INTRODUÇÃO

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra.¹

A Educação Física no Brasil tem sua história contada a partir de uma perspectiva eurocêntrica, mas é preciso contar a história que não se conta (CASTELLANI, 1998) e romper com o apagamento cultural e epistêmico dos povos negro e indígena. Para isso, torna-se urgente o cumprimento das Leis nº 10.639 (BRASIL, 2003) e nº 11.645 (BRASIL, 2008) que estabelecem o ensino obrigatório da cultura afro-brasileira, africana e indígena na Educação Básica, tendo em vista a diversidade cultural e étnico-racial na formação do povo brasileiro. O cumprimento das referidas leis é uma resposta às demandas da população afro-brasileira e indígena por políticas de ações afirmativas, ou seja, por políticas de reparação, reconhecimento e valorização de sua história, cultura e identidade (BRASIL, 2003).

Ao mesmo tempo, a inserção de tais conhecimentos se articula à função social da escola de socialização dos conhecimentos científicos e sistematizados. A escola atua, assim, como mediadora na transição do saber espontâneo ao saber sistematizado, desenvolvendo um movimento dialético em que o processo de ensino-aprendizagem pode ampliar a própria compreensão e as formas de expressão da cultura popular, desde que se pautem em uma visão crítica de mundo (SAVIANI, 2021).

A escola é um microssistema da sociedade; por isso, as manifestações de preconceito e discriminação permeiam também o cotidiano escolar. Dados da pesquisa nacional “Percepções sobre o racismo”, realizada pelo Instituto Peregum² (2003), identificaram que 38% das pessoas entrevistadas declararam ter sofrido racismo em espaços educacionais. Esses dados reforçam a urgente necessidade de combater todas as formas de violência racial. As situações de discriminação no espaço escolar são momentos oportunos para discutir sobre a diversidade e conscientizar os estudantes sobre a cultura e a identidade nacionais (MUNANGA, 2008), o que inclui o ensino de conhecimentos da cultura corporal numa perspectiva crítica e antirracista.

As contribuições dos saberes de matriz africana e indígena constituem diferentes manifestações da cultura corporal, destacando-se os jogos e brincadeiras, as danças, as lutas e a capoeira, entre outras que compõem o rico acervo das práticas corporais socialmente produzidas e historicamente acumuladas pela humanidade (COLETIVO DE AUTORES, 2012). Nesse sentido, é fundamental que os(as) professores(as) de Educação Física incluam em suas aulas tais conteúdos, a partir da gestualidade e de reflexões críticas acerca da diversidade e riqueza cultural, contribuindo

¹ “Histórias pra ninar gente grande” - Samba Enredo da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, 2019. A explicação dos fatos e das personalidades históricas mencionados na canção podem ser conferidos no site do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro: https://mam.rio/wp-content/uploads/2021/01/38_a_41_Mundo-Codificado.pdf. O clipe encontra-se em: https://www.youtube.com/watch?v=7SOBzDOug_A&list=RD7SOBzDOug_A&start_radio=1

² O Instituto de Referência Negra Peregum é uma organização sem fins lucrativos fundada por militantes da educação popular que trabalha para transformar as políticas públicas e as pessoas no sentido de uma sociedade antirracista.

A RODA A GIRAR E O CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO

“Riacho só corre pro rio
O rio só corre pro mar”
(Beira Mar – Samba de Roda de Dona Dalva).

A água que corre desaguando no mar, anunciada no Samba de Roda da epígrafe, é tomada aqui como uma metáfora do caminho teórico-metodológico deste trabalho. Essa imagem fundamenta-se na concepção dialética de pesquisa, que compreende as relações entre o todo e a parte a partir do princípio da totalidade (NETTO, 2011) - ou, ainda em outras palavras, na roda que gira a partir de um corpo que é, simultaneamente, uno e coletivo.

À luz do objetivo deste trabalho, foi realizada uma investigação inspirada nos princípios da pesquisa-ação, quais sejam: a relação teoria e prática; a identificação do problema de pesquisa na realidade concreta; a relação orgânica entre pesquisadores(as), sujeitos participantes e objeto de estudo ou intervenção; o trabalho coletivo; a formação continuada; a proposta de ação; e a elevação dos níveis de consciência (THIOLLENT, 2011).

Conforme apontam Leite *et al.* (2025, p.88), sob o paradigma dialético, a pesquisa-ação se caracteriza como práxis, “[...] valorizando os conhecimentos e a participação efetiva dos sujeitos envolvidos e garantindo-lhes acesso aos conhecimentos científicos com base em uma leitura crítica de mundo”.

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública localizada na periferia do Distrito Federal reconhecida pelo trabalho em torno do cumprimento das Leis nº 10.639 (BRASIL, 2003) e nº 11.645 (BRASIL, 2008), a partir do projeto intitulado “Educação Transformadora e Antirracista”⁴. Uma das autoras deste texto, na qualidade de professora-pesquisadora, integrou a referida ação. Constatou-se que, apesar dos avanços da proposta, a cultura corporal não era tematizada no interior do projeto, lacuna que instigou a presente investigação e a intervenção na realidade escolar.

A pesquisa foi realizada concomitantemente ao desenvolvimento de uma unidade didática sobre danças de matriz africana, organizada num total de 12 aulas no período de outubro a novembro de 2023. Os sujeitos participantes foram 18 crianças na faixa etária de 10 a 13 anos, matriculadas em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. A escolha dessa turma foi feita de forma intencional, visto que o conteúdo de dança de matriz africana está previsto para essa fase no Currículo em Movimento (DISTRITO FEDERAL, 2018), documento orientador das escolas do Distrito Federal. No que tange à autodeclaração de raça ou etnia, conforme informações fornecidas pela secretaria da escola, 7 crianças se declararam negras, 3 se declararam brancas e 8 não declararam a raça/etnia. A instituição baseia-se na perspectiva da educação inclusiva e, nessa turma, havia uma criança com laudo de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

⁴ O Projeto Movimento Pedagógico de Educação Antirracista foi premiado, em 2024, com o 9º Prêmio Educar com Igualdade Racial e de Gênero, realizado pelo Centro de estudos das relações de trabalho e desigualdades (CEERT)

Para Santos (2024), as investigações com e sobre crianças requerem do pesquisador(a): “[...] uma abordagem sensível, ética⁵, que considere as diferentes categorias sociais que atravessam as infâncias: classe, raça, etnia, gênero, território, contextos culturais, se possuem ou não deficiência”. Relacionado a isso, a escolha dos instrumentos e das estratégias de pesquisa pautou-se pelo brincar, elemento que caracteriza as relações das crianças com o mundo.

Silva (2009) trata dos instrumentos lúdicos de pesquisa que, no presente trabalho, consistiram em: observação participante com registro em diário de campo, jogos e brincadeiras, rodas de conversa, caderno de registros, desenho e registros iconográficos. A geração de dados obtida a partir dos instrumentos lúdicos com as crianças constitui o centro deste texto, buscando valorizar suas diferentes expressões infantis.

Além dos instrumentos citados, ressalta-se a utilização de “eventos-campo” (SILVA, 2009), no qual houve a participação em cursos, seminários, vivências e apresentações protagonizadas por grupos da cultura popular do DF que se dedicam às danças de matriz africana. Essa inserção visou ampliar a formação da autora como pesquisadora, professora, brincante e dançarina. Destaca-se, também, a articulação interdisciplinar desenvolvida durante a investigação entre a professora-pesquisadora, graduada em Educação Física, e a professora pedagoga da escola responsável pela turma, com o objetivo de aprofundar os conhecimentos das danças e da própria perspectiva da educação antirracista, fornecendo subsídios para a prática pedagógica.

Por fim, a pesquisa articulada à intervenção pedagógica gerou um recurso educacional, cuja elaboração cumpre uma exigência do ProEF como forma de socializar, além do texto acadêmico, materiais, cursos, entre outras possibilidades educativas para fomentar a formação inicial e continuada de professores(as). O recurso educacional produzido consiste em um livro em formato digital de acesso gratuito⁶, intitulado “Nossa história, nossa dança: danças de matriz africana na escola” (SANTOS; LEITE, 2025).

VIVA AS DANÇAS DE MATRIZ AFRICANA!

Tá caindo fulô, ê, ta caindo fulô
Tá caindo fulô, ê, ta caindo fulô
Lá do céu cá na terra, ê, ta caindo fulô
(Grupo Casa de Farinha)

Esta seção se dedica às danças de matriz africana enquanto manifestações culturais potentes para a materialização do que Trindade (2005, p. 30) conceituou como “Valores Civilizatórios Africanos”, compreendidos como “[...] princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e subjetivas,

⁵ As crianças, responsáveis e gestão da escola foram devidamente esclarecidas, antes e durante a pesquisa, e formalizaram o seu aceite de participação em um conjunto de documentos: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Termo de Assentimento, Termo de Aceite Institucional, Termo de Uso de Som de Voz e Imagem. A pesquisa faz parte de um projeto do tipo “guarda-chuva” intitulado “Infâncias e Educação Física Escolar”, coordenado pela professora Jaciara Oliveira Leite (FEF/UnB) e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (CEP/IH/UnB) sob parecer de número 5.493.430.

⁶ [Nossa história, nossa dança: Danças de matriz africana na escola](#)

que se constituíram num processo histórico social e cultural”. Esses valores expressam saberes, modos de vida e formas de resistência construídos pela população negra ao longo da história, mesmo diante das inúmeras violências impostas pelo racismo.

Com base nos estudos de Clímaco (2022, p. 85), que amplia o conceito desses valores denominando-os como Fundamentos Ontológicos Africanos (FOA), trazemos uma síntese sobre essa estrutura conceitual. Compreende-se, portanto, que os FOA traduzem o vigor e a ancestralidade dessa população em uma histórica trajetória de enfrentamento às opressões raciais.

1. Energia Vital: refere-se à potência de vida. [...] Não imputa a lógica da fragmentação, a energia constitui a força da unicidade da comunidade; embora as pessoas guardem suas singularidades, o desenvolvimento tem como premissa o bem viver de todos.
2. Circularidade – compreende parte do movimento de transmissão do conhecimento de forma não hierarquizada. É através do círculo que o ser se reconhece nas atividades da produção e reprodução da vida.
3. Corporeidade – esta não estabelece como uma “coisa” formatada, mas constitui a existência humana assentada nas relações sociais. Tem a condição de perpetuar a memória dos ancestrais, além de exterioriza tais relações por meio do movimento em si e com o outro no tempo e espaço.
4. Memória – fundamento que representa a preservação do conhecimento da cultura e do modo de vida dos ancestrais. É através da memória que resistimos e (re) existimos diante da barbárie do colonialismo, que preservamos o patrimônio sócio-histórico-cultural africano.
5. Ancestralidade – composição dos seres e divindades africanas de vários territórios. Está presente em nossa existência, porém a estratégia colonialista foi objetivamente retirar o direito de nossa origem e, subjetivamente, o direito à reverência de nossa ancestralidade - a qual nos liberta da história do açoite.
6. Territorialidade – potencializa a história e os territórios originários com seus signos, [...] é o resultado do processo de produção material e imaterial de cada localidade, a territorialidade contribui para a descolonização mental.
7. Religiosidade – fundamenta a ação objetiva e a reflexão sobre os valores, os sentidos e os arquétipos das religiões de matriz africana.
8. Cooperação/Comunitarismo – estrutura social que foi desenvolvida antes do período colonial, que visava não só para dar efeito a certas concepções da natureza humana, mas também para fornecer uma estrutura para a realização dos potenciais, metas e esperanças dos membros da sociedade e da sua existência contínua. Configura-se, portanto, como a busca por um projeto de sociedade humanizado.

9. Oralidade – representa a resistência para a manutenção dos saberes e dos fazeres voltados para as futuras gerações.
10. Musicalidade – expressividade das relações entre africanos, sejam eles ancestrais e/ou diaspóricos. Por meio dos diversos ritmos, criamos, ensinamos, aprendemos e resistimos.
11. Ludicidade – através das brincadeiras desenvolvemos os sentidos humanos. Faz-se necessário, tanto nas comunidades e quanto nas famílias, reconhecer que a ludicidade tem a função social de educar para os africanos.

Fundamentadas neste “chão” e imersas nas condições objetivas, as danças de matriz africana foram incorporadas à cultura afro-brasileira por meio de diferentes manifestações e estilos. Clímaco (2022) classifica as danças de matriz africana em quatro tipos: as danças tradicionais, ligadas aos símbolos e signos de divindades africanas; as danças dos blocos afros, que realizam releituras das danças tradicionais e exaltam a estética negra; as danças urbanas, que emergiram dos grandes centros urbanos em meio à efervescência cultural, social e política; e as danças circulares, que englobam as gestualidades trazidas pelas diversas etnias africanas no processo de escravização.

Diante da riqueza de possibilidades das danças de matriz africana e considerando as características das crianças participantes, o foco da investigação, articulada ao trabalho pedagógico, foram as danças circulares, compreendendo que na roda todos dançam em conexão. Foram trabalhadas três danças circulares: o Jongo, o Samba de Roda e a Sussa.

O Jongo, o Samba de roda e a Sussa são danças de matriz africana que carregam uma riqueza de códigos culturais originários da ancestralidade africana. Essas práticas não apenas resistem ao longo do tempo, mas são expressões que transcendem o tempo e espaço, conectando seus praticantes às suas raízes ancestrais. Essas danças possuem elementos de integração e pontos em comum, que podem ser um facilitador para diversificar o ensino dessas danças como conteúdo pedagógico e ao mesmo tempo trabalhar suas especificidades (SANTOS, 2024, p. 68).

Identificamos sete pontos em comum nessas manifestações: primeiro, a umbigada, gesto em que os dançarinos se aproximam erguendo os braços e inclinando o tronco para trás, quase encostando os seus umbigos; segundo, o canto responsivo sobre a realidade do povo, no qual os versos são cantados por um ou dois cantores e são repetidos e/ou respondidos pelos demais integrantes da roda, podendo ocorrer improvisação; terceiro, as saias rodadas, que permitem uma maior liberdade de movimentos, facilitam a execução dos giros e se tornam uma extensão do corpo, além de consistirem em um elemento estético que acentua a beleza e a elegância; quarto, os tambores, que dão ritmo e são símbolo de resistência, conexão com a natureza, alegria e identidade cultural; quinto, a corporeidade, pautada em uma concepção de corpo que não é apenas individual, mas coletivo; sexto, a disposição em círculo, que promove as interações, a noção de respeito mútuo e a unidade; e sétimo, a relação da gestualidade com o trabalho camponês, tendo em vista que determinados movimentos remetem à colheita, ao plantio e a outras práticas cotidianas que foram

incorporadas a essas danças como forma de celebrar e socializar as experiências dos modos de vida camponeses (CLÍMACO, 2022; IPHAN, 2007; SANTOS, 2025).

O Jongo é uma dança que tem suas raízes nos povos africanos que pertenciam a etnias diversas, as quais compartilhavam o mesmo grupo linguístico-cultural conhecido por Bantu, especialmente oriundos de Angola e do Congo. Essa dança se consolidou no Sudeste do Brasil, onde milhares de homens e mulheres escravizados, que vieram da África, trabalhavam nas lavouras de cana-de-açúcar e café. Trata-se de uma forma de expressão que integra a percussão de tambores, as danças coletivas, a poesia e a religiosidade. “É um elemento de identidade e resistência cultural para várias comunidades e espaço de manutenção, circulação e renovação do seu universo simbólico” (IPHAN, 2007, p. 11). Seus instrumentos característicos são os tambores caxambu e candongueiro.

O Samba de Roda do Recôncavo Baiano também foi registrado como Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN e reconhecido como “Obra-Prima da Humanidade” pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Essa manifestação musical, coreográfica, poética e festiva, presente em todo o estado da Bahia, especialmente na região do Recôncavo, reflete as tradições que mesclam a influência africana com elementos culturais portugueses (IPHAN, 2006). O Samba de Roda é composto por uma variedade de instrumentos - como o pandeiro, a viola, o tambor -, cujo ritmo é acompanhado pelas palmas dos participantes.

A Sussa é uma dança tradicional do território Kalunga, o maior quilombo do Brasil, situado na região da Chapada dos Veadeiros, no estado de Goiás. A manifestação também pode ser denominada como: sússia, suça ou súcia de acordo com a localidade. Sua origem se encontra nos “[...] ‘batuques’ afro-brasileiros, legado deixado pelas pessoas escravizadas na exploração do ouro no estado de Goiás” (ROSA, 2015, p. 60). Entre os seus instrumentos, que são variados, podem ser utilizados a viola, a sanfona, o pandeiro, a caixa e a bruaca.

A transmissão e o processo de assimilação das danças de matriz africana acontecem, prioritariamente, por meio da valorização e da reverência à oralidade, à memória, à ancestralidade e à ritualidade dentro das comunidades que as praticam, por meio do vivido corporalmente (SILVA e DANTAS, 2016). Com respeito profundo a tais contextos, partimos da função social da escola e do cumprimento das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/2008 para refletirmos, a partir de uma experiência concreta, sobre o papel da Educação Física no acesso sistematizado a esses saberes a partir de uma perspectiva crítica e antirracista.

JUNTOS NO RITMO DO TAMBOR: O ENSINO DE DANÇAS DE MATRIZ AFRICANA NA ESCOLA

Ô gente, eu tô na escola!
Vamos dançar jongo, sim Senhor!
A amizade e a igualdade,
juntos na roda
no ritmo do tambor.

(Composição das crianças do 5º ano D – Vespertino, Escola Classe 18 do Gama, nov/ 2023).

Esta seção apresenta os principais elementos teórico-práticos da unidade didática sobre o ensino de danças de matriz africana no contexto da Educação Física Escolar, bem como analisa o processo de aprendizagem das crianças participantes da pesquisa. Tal análise se dará, sobretudo, considerando a geração de dados oriundos dos instrumentos lúdicos de pesquisa desenvolvidos diretamente com o público infantil: observação participante, roda de conversa, jogos e brincadeiras, caderno de registros e desenho.

Iniciamos a exposição explicitando que a unidade didática se baseou nos Fundamentos Ontológicos Africanos - abordados na seção anterior -, na Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) e na Abordagem Crítico-Superadora (ACS). Esses pressupostos se integram, pois são fundamentados em uma perspectiva crítica de mundo, visando à transformação da realidade social.

Nesse sentido, reafirmamos o posicionamento de Saviani (2021) ao postular que a escola tem o papel de socializar os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade. Esse processo possibilita às classes populares a apropriação crítica de tais saberes para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, o que compreendemos não ser possível sem o enfrentamento das desigualdades em torno das interseccionalidades entre classe, raça e outros marcadores sociais (PINHEIRO, 2023).

A unidade didática foi então estruturada a partir dos princípios da PHC, quais sejam: prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final. Esses elementos são entendidos como momentos inter-relacionados de um processo dialético de apropriação do conhecimento que vai da “sincrese” (uma visão caótica) à síntese (uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas) (LAVOURA; SANTOS JÚNIOR; MELO, 2021; SAVIANI, 2021). Imbricada com a PHC, a ACS compreende a dança como manifestação da cultura corporal e como prática social carregada de gestualidade, sentidos e significados históricos, culturais e políticos.

Cada aula da unidade didática baseou-se em um ou mais Fundamentos Ontológicos Africanos e possui temática específica, a saber: Vamos dançar; Nosso corpo, nosso ritmo; Nossa história, nossa dança; O que aprendemos até aqui; Jongo, a dança ancestral; O canto comunica a ancestralidade; No caminho do samba de roda; É Samba de roda ou roda de Samba?; Território ancestral; Sussa, a dança do território ancestral; Roda de Sussa e o desafio da garrafa; e A grande roda. O propósito desta seção é fazer uma análise de conjunto, e não aula a aula, considerando os elementos mais significativos e as categorias que emergiram em torno do processo de aprendizagem das crianças, quais sejam: “influências midiáticas nas danças”; “danças de matriz africana e a ampliação da compreensão e das gestualidades ancestrais”; e “materialização dos FOA e dos princípios da Educação Antirracista”.

A primeira categoria de análise, “as influências midiáticas nas danças”, fez-se presente, principalmente, nas atividades iniciais da proposta que tiveram como objetivo identificar os conhecimentos prévios, os interesses e as percepções das crianças em relação à dança de modo geral. Por meio de jogos, como “a dança das cadeiras surpresa⁷” que foi um material didático criado no planejamento da unidade didática, foi identificado que as crianças demonstravam interesse

⁷ Jogo disponível na página 54 do e-book “ Nossa história, nossa dança: danças de matriz africana na escola.

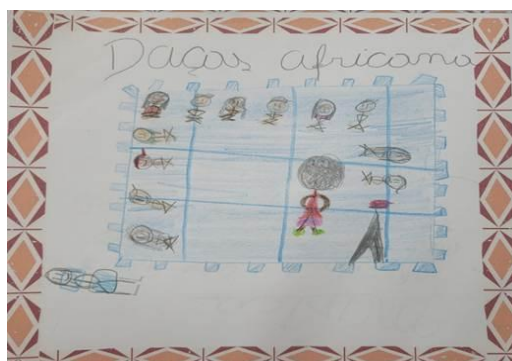
especial pelo funk e pelas danças famosas veiculadas no *TikTok*. A influência das mídias sociais nas infâncias é um fenômeno complexo e não deve ser ignorado. É fundamental que a escola faça a mediação acerca do uso destas linguagens “[...] de modo que os estudantes possam atravessá-los também, com consciência, criatividade e responsabilidade” (FANTIN, 2020, p.15). Devido a influência midiática da indústria cultural, é urgente que as danças da cultura popular também “viralizem”, como forma dos estudantes compreenderem “[...] o modo de ser, de pensar e agir das diferentes regiões brasileiras, além de entender que essas particularidades também são manifestadas no corpo por meio de danças populares” (ALTOÉ, 2020, p. 214

As experiências corporais e reflexões levaram em consideração essa prática social inicial das crianças que, com o passar do tempo, perceberam similaridades entre o ritmo (batida) do funk e as danças de matriz africana. As duas primeiras aulas possibilitaram às crianças compreenderem que o nosso corpo se expressa através de diversos gestos e que o ritmo faz parte do cotidiano, isso ocorreu, sobretudo, nas vivências de apropriação de sequências rítmicas e criação de ritmos utilizando o corpo como instrumento.

A segunda categoria de análise, “danças de matriz africana e a ampliação da compreensão e das gestualidades”, emergiu sobretudo a partir do terceiro encontro, no qual introduzimos os conhecimentos das danças de matriz africana especificamente. Houve a contextualização do continente africano e da influência da cultura africana na formação da cultura afro-brasileira, bem como de vivências que enfocavam a circularidade. Para tanto, foi utilizado como recurso um vídeo intitulado “Danças de Matrizes Africanas”, seguido de roda de conversa sobre a relação da dança circular e a nossa ancestralidade africana, e de experiências lúdicas de dançar em roda. A cantiga popular “Roda Pião” (“O pião entrou na roda, ó pião! Roda pião, bambeia pião”) possibilitou que brincassem na formação em roda e que ocupassem o centro usando um chapéu, pelo que demonstraram interesse significativo.

Após este conjunto de encontros, com o objetivo de avaliar de forma mais sistemática o processo de apropriação dos conhecimentos, foi feito o convite para que cada criança desenhasse e explicasse sobre o que tinham aprendido até aquele momento. Para o Coletivo de Autores (2012, p. 92), “A avaliação, portanto, deve servir para indicar o grau de aproximação ou afastamento do eixo curricular fundamental, norteador do projeto pedagógico que se materializa nas aprendizagens”. Destacam-se abaixo alguns desenhos deles, bem como seus títulos e a explicação oral das crianças.

Desenho 1 - Danças Africanas



Autora: Ana Júlia (10 anos) Fonte: caderno de registros.

Desenho 2 - Todos Juntos



Autora: Laura Oliveira (11 anos) Fonte: caderno de registros.

A partir dos desenhos produzidos pelas crianças, foi possível perceber que elas se apropriaram dos conhecimentos desenvolvidos nas aulas iniciais, especialmente daqueles relacionados aos Fundamentos Ontológicos Africanos da circularidade, da corporeidade e da cooperação/comunitarismo. Em seus relatos, as crianças evidenciaram valores como igualdade, participação coletiva, respeito mútuo e ausência de hierarquização, destacando a importância das interações e das trocas estabelecidas com os colegas.

A compreensão desses fundamentos possibilita o reconhecimento de outras formas de viver, aprender e se relacionar, diferentes da lógica individualista e competitiva frequentemente valorizada pela perspectiva eurocêntrica. Nessa concepção, ganham centralidade valores como a coletividade, a solidariedade e pertencimento que expressam, conforme destacam Brandão e Trindade (2010, p. 14), “outros modos de ser, fazer, brincar, interagir e existir”.

Do quinto ao décimo segundo encontro adentramos no Jongo, no Samba de Roda e na Sussa. Cada uma dessas manifestações expressa uma riqueza gestual, histórica e cultural característica, conforme foi discutido na sessão “Viva as Danças de Matriz Africana”.

Para a compreensão dos elementos históricos e culturais do Jongo, foi realizada a leitura do livro “Jongo, a dança secreta” (Alexandre, 2021), no qual é contado sobre como as pessoas escravizadas se reuniam para dançar e entoar os cantos, lembrando-se de suas terras. A expressão “dança secreta” refere-se aos códigos utilizados no canto como forma de comunicação para combinar as fugas de modo que o capataz não conseguisse compreender. As crianças puderam aprender passos característicos do Jongo, como a pisada para a frente e para trás, o amassa-café, o tabiado e o mancador. Pudemos também experimentar suas variações rítmicas, utilizando baldes adaptados como tambores. Cabe ressaltar ainda que vivenciamos a umbigada que nos acompanhou igualmente no Samba de Roda e na Sussa.

No processo de ensino e aprendizagem do Samba de Roda, as crianças já demonstravam maior autonomia ao fazer a umbigada para ocupar e sair da roda, puderam também se apropriar do passo “miudinho” e das diferenças entre Roda de Samba e Samba de Roda, conforme elucidou uma das crianças na roda de conversa: “O samba de roda é todo mundo em roda e usa também as saias (Laura Oliveira, 11 anos)”. As crianças tiveram ainda oportunidade de explorar alguns instrumentos característicos dessa manifestação como o chocalho, pandeiro e cuíca.

Durante as atividades com o Samba de Roda, ao disponibilizar saias foi interessante perceber as expressões das crianças em torno dos papéis de gênero, bem como as mediações realizadas: Alguns meninos expressaram interesse em usá-las. Nesse momento, houve risos entre os colegas, que acharam a situação divertida. No entanto, não houve nenhum tipo de chacota ou comentário preconceituoso. Fizemos uma reflexão sobre o uso da saia pelos meninos. Perguntei às crianças se achavam que meninos podiam usar as saias. ‘Lucas (11 anos): Pode sim tia, se quiser’. ‘Thiago Caetano (11 anos): É só pra dançar e brincar’ (Santos, 2024, p. 135 - 136).

Cabe analisar que o brincar é central nas infâncias, o que inclui as crianças que estão no último ano do Ensino Fundamental. Para as crianças da pesquisa, usar as saias parecia representar ter liberdade nos movimentos da dança com beleza e amplitude. Segundo Sampaio et al. (2017, p. 1457), o brincar “[...] expressa: potencialidades e limitações de sua motricidade, de sua forma de pensar, e de sua maneira de se relacionar com outras crianças [...]”

A última dança trabalhada foi a Sussa e a temática foi introduzida com vídeos. Um abordava a importância da comunidade Kalunga, maior quilombo do Brasil, e o segundo vídeo tratou da Sussa e a sua relevância cultural para o povo Kalunga. Exploramos o material didático “Jogo da memória ancestral⁸”, desenvolvido especificamente para esta aula, e que consistia em cartas com perguntas e respostas sobre a ancestralidade africana, danças e figuras históricas. As crianças se apropriaram de movimentos como o peneirar, o “rodar que nem engenho” e dançar ao centro com uma garrafa na cabeça. Este último, configurou-se em elemento lúdico que despertou bastante interesse em todas, pois se sentiram desafiadas a dançar rodopiando e equilibrando a garrafa na cabeça.

Como terceira e última categoria de análise, temos a “materialização dos FOA e dos princípios da Educação Antirracista”. Em síntese, durante o processo as crianças puderam aprender uma gestualidade diversa, a história de cada dança, seus contextos de resistência e sua importância para a cultura brasileira. A materialização dos FOA e dos princípios da Educação Antirracista nas aprendizagens pode ser observada ao longo de todo o processo, mas sobretudo na composição das crianças do ponto (canto) que consta na epígrafe desta sessão, pois aborda esses fundamentos e princípios trabalhados nas aulas e os elementos da dança, vinculados à apropriação e vivência no ritmo e da melodia.

Cada criança também descreveu em seu caderno de registros suas impressões e apropriações sobre as aulas, os quais destacam-se abaixo:

Aprendi a dançar jongo e samba de roda, e me divertir muito, também expressei vários sentimentos, alegria, dancei muito, toquei tambor, cantei (Maria Eduarda, 11 anos).

Na roda aprendemos que ninguém é melhor que ninguém, que devemos respeitar, porque cada pessoa tem seu jeito (Ana Julia, 10 anos).

Eu aprendi que os africanos têm muita cultura e uma delas é o jongo é uma coisa que eu gostei muito foi o jongo é uma dança bem diferente e muito legal (Lucas, 11 anos).

⁸ Jogo da memória ancestral p. 58 do livro “Nossa história, nossa dança: dança de matriz africana na escola”.

A partir das expressões das crianças foi possível analisar que a apropriação do conteúdo da cultura corporal danças de matriz africana ampliou o repertório gestual e cultural delas, possibilitando também a expressão das emoções, elemento que dá identidade à dança. Os relatos indicam a incorporação dos FOA e de princípios de uma educação antirracista desde a infância.

A GRANDE RODA

É possível avaliar, por meio da produção escrita, das falas, dos desenhos e da expressão corporal das crianças, que a proposta pedagógica proporcionou experiências significativas de aprendizagem, ampliando e aprofundando seus conhecimentos culturais, históricos e corporais do grupo. Podemos analisar que a proposta pedagógica, baseada nos princípios teóricos metodológicos adotados, favoreceu a “[...] incorporação dos instrumentos culturais, transformados em elementos ativos de transformação social” (SAVIANI, 2021, p. 57).

Sob essa ótica, o ensino das danças de matriz africana – em especial as danças circulares - mostra-se fundamental para a materialização dos princípios da Lei nº 10.639/2003 no contexto escolar. Essas práticas constituem um conteúdo potente da cultura corporal, uma vez que promovem a participação coletiva, a equidade, o fortalecimento das identidades e o reconhecimento das contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros para a formação nacional. Defendemos, portanto, que esse conteúdo esteja presente em todo o currículo escolar, consolidando-se como um saber escolar e como um caminho teórico-prático para a efetivação de uma educação antirracista desde a infância, permitindo (re)construção das narrativas sobre a cultura africana. Afinal, como destaca Cavalleiro (2001, p. 148), “Sabemos não ser tarefa apenas da educação, a transformação da sociedade. Mas esperamos que ela acompanhe as transformações sociais e as mudanças históricas”.

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, JANAÍNA. **A dança nas aulas de educação física: legitimidade e democratização “via” prática pedagógica.** 2020. 339f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

BRANDÃO, ANA; TRINDADE, AZOILDA(org.). **Modos de brincar:** caderno de atividades, saberes e fazeres. A Cor da Cultura. Rio de Janeiro: Ministério da Educação; Fundação Roberto Marinho, 2010. v. 5.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, p. 1, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 15 maio 2026.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da

educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, p. 1, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm Acesso em: 15 maio 2026.

BRASILEIRO, LÍVIA. **Dança -Educação Física**: (in) tensas relações. Recife, PE: Edupe, 2022.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. 19 ed. Campinas, SP, 2013.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação antirracista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e antirracismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 113-132.

CLÍMACO, Josiane Cristina. **Cultura corporal e matrizes africanas**: proposição crítico superadora para o ensino da dança na formação de professores de educação física. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2012.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Currículo em Movimento da Educação Básica**: Pressupostos Teóricos. Brasília: SEEDF, 2018

FANTIN, Monica. O lugar da formação e mediação nas literaturas e competências midiáticas de crianças e jovens estudantes. **Tempos e espaços em educação**, v. 13, n. 32, p. 11-17, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20952/revtee.v13i32.14226>

FERREIRA, A. Educação Antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 21, n. 46, p. 275-288, 2012.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Dossiê IPHAN 4**: Samba de Roda do Recôncavo Baiano. Brasília, DF: IPHAN, 2006. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_SambaRodaReconcavoBaiano_m.pdf. Acesso em: 17 maio 2026.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Inventário para o registro e salvaguarda da capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília, DF: IPHAN, 2007. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf. Acesso em: 8 maio. 2026.

LAVOURA, Tiago Nicola; SANTOS JUNIOR, Cláudio de Lira; MELO, Flávio Dantas de Albuquerque. Ensino da cultura corporal na abordagem crítico-superadora: natureza e especificidade. In: MARCASSA, Luciana Pedrosa; ALMEIDA JÚNIOR, Admir Soares; NASCIMENTO, Carolina Picchetti (org.). **Ensino de educação física e formação humana**. Curitiba: Appris, 2021.

Leite, Jaciara *et al.* A pesquisa-ação e a práxis científica em Educação Física: reflexões na partir do mestrado profissional (ProEF). In: Frasson, Jéssica; Souza Júnior Márcilio (org.). **A pesquisa qualitativa em Educação Física Escolar**. Curitiba, PR: CRV, 2025.

MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. In: MUNANGA, Kabengele. (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

NETTO, José Paulo. Introdução ao estudo do método de Marx. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

ROSA, Eloisa Marques. **A suça em natividade: Festa, batuque e ancestralidade**. 2015. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

SABINO, Jorge; LODY, Raul. **Danças de matriz africana: Antropologia do Movimento**. Rio de Janeiro: Pallas, 2021.

SANTOS, Évelin Dias Reis dos. **Cultura corporal e educação antirracista: o ensino de danças de matriz africana nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) – Universidade de Brasília, Brasília, 2024.

SANTOS, Évelin Dias Reis dos; LEITE, Jaciara Oliveira. **Nossa história, nossa dança: danças de matriz africana na escola**. Curitiba: CRV, 2025.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 44 ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

SILVA, Mauricio Roberto da. Eventos – Campos: um relato de experiência do fazer investigativo com crianças da zona da Mata Canavieira Pernambucana. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (org.). **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. 3 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SILVA, Renata; Dantas, José Luiz. **Cultura Popular: seus contornos, desdobramentos e - materializações**. Rascunhos, Uberlândia, v. 3, n. 2, p. 7-20, 2016. <https://doi.org/10.14393/issn2358-3703.v3n2a2016-02>

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2005.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - não se aplica

FINANCIAMENTO

Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP/DF), Edital 09/2024.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM – não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência** - ISSN 2175-8042 os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Mauricio Roberto da Silva

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 14/06/2026

Aprovado em: 10/07/2026

Publicado em: 01/10/2026

